

Continue



Garota de programa cabo

Site com mais de 20 mil anúncios ativos de acompanhantes busca profissionalizar o mercado Por Aline Naomi 15/02/2022 16h15 Atualizado há um ano Fatal Model afirma que modelo da empresa traz mais segurança para as acompanhantes (Foto: Getty Images) — Foto: GQ O brasileiro passou a usar aplicativos para alugar um apartamento, para obter um transporte particular, pedir uma comida por delivery e muito mais outras funcionalidades. É a essa digitalização que pretende responder a Fatal Model, site de acompanhantes para amizade, sexo e o que mais a criatividade permitir que conecta pessoas pelo Brasil, de Pouso Alegre a Nova Friburgo e Cabo Frio. Assim como empresas como a Uber e a 99 não se consideram “empresas de transporte”, a Fatal não se vê como uma empresa de acompanhantes para sexo e sim como uma startup, uma empresa de tecnologia - ainda que a libido seja o motor do negócio. Segundo o site oficial, a Fatal tem a missão de “empoderar profissionais do mercado adulto, rompendo tabus sobre a profissão e atuando como um facilitador no contato com clientes através da tecnologia”. A promessa da empresa, criada em 2016, é conectar as duas pontas, quem busca acompanhantes com quem pretende oferecer esse serviço – independentemente de sexo e gênero, apesar da maior parte das ofertas ser feita por mulheres. No momento do cadastro na plataforma, acompanhantes precisam informar o número de celular, enviar documentos como CPF, RG ou CNH e gravar um vídeo com documento de identificação perto do rosto dizendo: “Sou acompanhante e quero anunciar no Fatal Model”. A resposta do sistema chega em três dias. O lucro do negócio vem da visibilidade. Para aparecer com mais destaque entre os 20 mil acompanhantes ativos, o interessado deve aderir a um plano pago, o que lhe dá maiores chances de negócio e garante a renda da Fatal Model, que assegura não ficar com nenhuma parte do valor pago pelo serviço em si. Uma busca simples em bases de dados permitiu identificar o nome do sócio-administrador da empresa, um profissional que é CEO em uma outra empresa de tecnologia. No entanto, ele prefere não se manifestar – e, assim como recomenda aos seus 150 funcionários, não informa no LinkedIn a sua relação com a empresa. “Basta colocar qualquer coisa sobre a Fatal que os nossos colaboradores recebem mensagens de gente perguntando se eles fazem trabalhos como acompanhantes. Eu também não colocô”, diz a diretora de marketing da empresa, ouvida também de forma reservada. Quem fala é Nina Sag, acompanhante contratada como a porta-voz da Fatal Model e uma das “embaixadoras” da plataforma. Ela admite que o estigma sobre quem faz esse serviço permanece e é um obstáculo, mas argumenta que a Fatal é uma aliada e não uma adversária desse trabalho. “A missão da empresa hoje é fazer uma coisa que ainda não existia no mercado brasileiro, que é organizar a profissão de acompanhante e dignificar a profissão”, complementa Nina. “Até então existia um mercado muito bagunçado, onde não se tinha respeito, onde não se sabia o jeito adequad de se conversar, tanto da parte de uma acompanhante com o cliente, e vice-versa.” Se isso puder ser feito expandindo os lucros, melhor ainda. Segundo a empresa, os 150 colaboradores são fruto de uma expansão acelerada no último ano e três vezes mais do que na largada dos trabalhos. São 20 milhões de acessos mensais ao site, que já alcançou um pico de 31 milhões em novembro de 2021. Logo da Fatal Model durante entrevista de Sergio Moro ao Flow (Foto: Reprodução/YouTube) — Foto: GQ A campanha de marketing para a expansão dos negócios gerou uma visibilidade rápida e inesperada para a empresa, quando a Fatal exibiu um anúncio na edição de 24 de fevereiro do Flow Podcast, quando o programa entrevistou o ex-ministro Sergio Moro. A aparente contradição entre a imagem de Moro, pré-candidato à Presidência da República pelo Podemos, e o logo da empresa fez com que cenas do momento fossem compartilhadas à exaustão nas redes sociais. Um aspecto reforçado pelo site é a segurança de que a pessoa do anúncio é a mesma pessoa a ser contratada. “Nós tínhamos muito problema com perfil fake, muita gente entrava lá e fazia vários cadastros”, comenta Nina. Por isso, o Fatal Model verifica o documento de identidade da anunciante, pede um vídeo comparação para que ela se apresente e usa também o reconhecimento facial. Fatal Model grava vídeo com embaixadora (Foto: Fatal Model/Divulgação) — Foto: GQ Esses procedimentos, que garantem que um perfil é verdadeiro, são usados apenas para verificação interna e não são expostos ao contratante. A acompanhante pode decidir não mostrar o rosto nos anúncios. “Só fica exposto o que ela quiser colocar no anúncio dela, como as fotos e o vídeo de comparação”, explica a porta-voz. Como forma de instruir as acompanhantes, o Fatal Model produz conteúdos para o blog do site e também para o canal oficial no YouTube, com mais de 32 mil inscritos. Embaixadoras da Fatal Model (Foto: Fatal Model/Divulgação) — Foto: GQ Entre os tópicos estão dicas de como fazer um bom atendimento, como estipular o valor do cachê e como ter segurança na hora de negociar com o contratante. “A profissão de acompanhante é uma profissão autônoma. Não podemos dar a certeza de que com todo esse conteúdo ela não vá sofrer alguma violência física ou verbal, mas ela vai ter a noção de que isso pode existir”, completa Nina. Giovana* tornou-se prostituta ainda na faculdade e anunciava seus serviços em sites de acompanhantes. Ela lembra suas inseguranças logo que começou no mercado. “Quem nunca trabalhou na prostituição também fica cheio de questões. Tipo, a mulher tem medo de sair com um desconhecido. Eu tinha muito medo de apertarem o meu pescoço, de estar pelada com um desconhecido maluco num motel”, comenta. Ao se casar e ter um filho, Giovana optou por deixar a prostituição de lado. Porém, com a pandemia e o encarecimento dos produtos, ela voltou à atividade e retomou o contato com clientes antigos. “Eu estou pensando no que eu vou fazer. Momento de pandemia, eu não quero me expor muito”, explicou. Giovana, que não conhecia a plataforma, achou interessante a proposta e disse que iria analisá-la melhor Em relação ao blog, ela afirma que os conteúdos ainda são introdutórios, um primeiro passo, mas que considera a proposta de toda forma inovadora. “É algo que, em si, já é uma desconstrução. Caminha para uma desconstrução de estigma e de fronteiras bizarras e intransponíveis”, comenta Giovana. No Brasil, a prostituição é uma profissão reconhecida pelo Ministério do Trabalho desde 2002, mas ainda não regulamentada. O Código Penal traz um capítulo de crimes contra a dignidade sexual, chamado de lenocínio e, entre os crimes, está o rufianismo. Esta prática acontece quando alguém tira proveito da prostituição alheia, participando diretamente de seus lucros ou se sustentando com eles. Seria o crime do cafetão, por exemplo. Da mesma forma que os jornais impressos tinham serviços de acompanhantes nas páginas de classificados, os sites divulgam esses serviços com o argumento jurídico de que vendem o espaço para publicidade. É o que explica Malra Zapater, professora de Direito da Unifesp (Universidade Federal de São Paulo). Portanto, se o site não exige a participação nos lucros obtidos por uma acompanhante, ele não se configura em um crime de rufianismo. Zapater lembra que nosso Código Penal foi escrito em 1942, então muitos dos crimes relacionados à prostituição e a costumes sexuais podem ter interpretações diversas por envolverem o campo moral e cultural. Por isso, ainda que a prostituição seja uma atividade legalizada no país, todo seu entorno é criminalizado. “A criminalização do entorno da prostituição é muito danosa e prejudicial a essas pessoas e não impede que a atividade seja praticada”, reforça. “A regulamentação desse trabalho seria muito importante para assegurar a dignidade dessas pessoas.” Mais recente Próxima Saiba quais fatores podem mudar o cheiro e o sabor do esperma Especialidades informadasVersões alternativasLista de Acompanhantes MasculinosEspecialidades & Idades 1 Podem existir acompanhantes sem bairro informadoÚltimos vídeos postados ›Santo Agostinho, Cabo de Santo Agostinho - PE, Brasil Gaibu, Cabo de Santo Agostinho - PE, Brasil Cidades Próximas MAIS RAPAZES LINDOS E TESUDOS DE TODO BRASILVIDEOS AMADORES DE GAROTOS REAISGAROTA COM LOCAL - Acompanhantes em PETRAVESTI COM LOCAL - Acompanhantes em Todo o BrasilNão intermediamos atividades de garoto de programa (GP). Não somos agência de GP, mas sim um veículo publicitário de divulgação de anúncios de acompanhantes masculinos maiores de idade. Anunciamos somente homens de todo o Brasil. Rapazes gays ou boys héticos. Não toleramos preconceito. Cabo Frio > 24 horasCentro, Cabo Frio - RJ, Brasil Rua da Florestinha - Unamar, Cabo Frio - RJ, Brasil Braga, Cabo Frio - RJ, Brasil Se você trabalha como acompanhante na cidade de Cabo Frio - Rio de Janeiro, faça seu anúncio gratuitamente. Anúncios Antigos 200/h Com Local Cabo Frio - RJ 400/h Com Local Cabo Frio - RJ 300/h Com Local Cabo Frio - RJ 150/h Com Local Rio das Ostras - RJ Comemorou-se quinta-feira, 17 de Dezembro, o Dia Internacional Contra a Violência sobre Trabalhadores do Sexo. Neste âmbito, o Expresso das Ilhas saiu à rua à procura de testemunhos na primeira pessoa sobre o fenómeno na Cidade da Praia. Segundo os relatos, são agredidas verbalmente, fisicamente e até sexualmente. Entretanto, não denunciam porque, além de não serem legalmente reconhecidas, têm de preservar a “outra vida”, os maridos, filhos, pais e pessoas próximas que desconhecem que laboram no “assunto” (como chamam a prostituição). A falta de uma associação torna-as ainda mais invisíveis e vulneráveis a situações do tipo.Tânia (nome fictício), uma mãe de 27 anos, e Deise (também nome fictício), igualmente mãe, de 29 anos, são duas profissionais do sexo entrevistadas pelo Expresso das Ilhas. Referem-se à prostituição como “assunto” ou “expediente”. Aliás, durante as entrevistas, em momento algum, citam a palavra prostituição. “Estou no ramo há cerca de 6 anos. Não tenho um horário fixo”, declara Tânia, revelando que entrou nesta vida por iniciativa própria. Segundo conta, nasceu numa família numerosa e sem muitas condições. Com o tempo, “na flor da idade”, começou a envolver-se com homens mais velhos que ajudavam com “algumas coisas”. “Mas não era suficiente”, alega Tânia, completando que, por essa razão, passou a envolver-se com vários homens que lhe pagam por sexo. Quando deu por si, relata, já era de “expediente”, ou de “assunto”, como também diz.Deise, por sua vez, diz que entrou no “assunto” ainda na adolescência, sem saber precisar ao certo com que idade é que começou. Apenas diz que “ainda era muito nova”. “Entrei no assunto, porque nasci numa família numerosa, a minha mãe era ausente e, na adolescência, sentia falta de muitas coisas, até para a higiene pessoal, inclusive cheguei a ponto de passar fome. Surgiam homens, que ao ver a minha juventude, a minha beleza e constatar que tinha necessidades, diziam para que fosse ter com eles que quisesse, e foi assim que eu comecei”, descreve.História e razõesTânia faz saber que nem chegou a concluir o 12º ano de escolaridade. Tudo porque, conforme alega, a necessidade de trabalhar em busca de meios para a sobrevivência falou mais alto. O seu primeiro emprego foi num bar onde chegou a receber muitas ofertas, seja de dinheiro ou bens materiais, em troca de sexo.No começo, diz a jovem que recusava o que lhe ofereciam, afinal, ressaltia, tinha um salário. Entretanto, perdeu o emprego e passou a ver o relacionamento com homens mais velhos (os chamados tios) como solução para o sustento de sua casa. Nessa fase sempre se relacionou com um homem de cada vez, por um determinado período de tempo, até que a relação terminasse. “A ajuda dos tios com quem saía não era suficiente, tive de procurar outros meios. Esse dinheiro não dava para grandes coisas, mas ajudava a não faltar para renda ou de comer. Eu tentei algumas vezes abandonar esta vida, mas não há emprego”, enfatiza.Mesmo com os “expedientes”, Tânia arranjou um companheiro com quem tem uma filha e vivem juntos. O namorado, assim como a mãe e os irmãos, não sabem da sua profissão. “Sou muito discreta e o meu “expediente” não faço com qualquer um, nem em qualquer lugar”, revela. “Antes fazia mais do que um por dia. Agora, as pessoas têm de fazer reserva porque eu quero preservar a minha vida, a minha imagem, sobretudo porque tenho a minha família, filha e marido”.Para Tânia, entrar nesta vida pode acontecer por acaso. “Basta alguém mostrar-se interessado e a outra parte relatar os seus problemas. Se depois de colocar os problemas a pessoa continuar a mostrar interesse e quiser pagar por sexo, alinha-se”, explica.Quanto ao preço, Tânia frisa que este depende da pessoa que quer pagar. Normalmente cobra 5 mil escudos, todavia, se for uma pessoa que não reside na Praia, pode custar mais. Se for um emigrante que se encontra de férias em Cabo Verde, “o preço duplica”, aponta. “A situação está difícil para todos, então há cada vez mais jovens nesta vida. São, na grande maioria, meninas com idades compreendidas entre os 20 e 25 anos, outras com um ou mais filhos. Não há emprego e os pais dos filhos não têm como ajudar. Amor, por si só não mantém ninguém, não mata a fome, então deita-se com um homem por 4 ou 5 mil escudos”, defende Tânia, elevando a voz ao dizer que “o amor não mata a fome”.Usando um tom irónico, a jovem assevera que, assim como ela, há muitas jovens da capital que “são de expediente” que têm clientes fixos. No entanto, continua, “tudo é feito em segredo”. “No meu bar oio muitas conversas de grupos de amigas, algumas com marido e filhos, mas que comentam entre si que se aparecer alguém que lhes ofereça 3 mil escudos por sexo, iriam aceitar logo à primeira. Afinal, “kau sta mau”. Se aparecer quem queira fazer em grupo, melhor ainda, cobram mais. É o que eu digo, há muitas que assim como eu têm uma vida dupla). Já Deise, por sua vez, parou de tratar do “assunto” há cerca de 11 meses, porque estava grávida de uma bebé, hoje com apenas dois meses de vida. Durante a época em que esteve activa, conta que trabalhava sempre durante a noite e, de vez em quando, durante o dia. “Quando trabalhava à noite tinha uma ou duas saídas, mas não aceitava todos os expedientes, porque nem sempre havia tempo para todos. O preço de cada expediente dependia muito, havia quem oferecesse 5 mil escudos, 6 mil escudos, mas também havia aqueles que ofereciam menos”, explica.A jovem relata que há épocas em que resolve parar e “sair da vida”. Comumente, isto acontece quando aparece algum trabalho, ou quando se apaixona. O segundo caso, aconteceu duas vezes, primeiro pelo pai da sua filha mais velha, hoje com 9 anos, e o segundo com o pai da sua bebé. “Eu sei quem são os pais das minhas filhas porque sempre me previno para não contrair nenhum tipo de doença. Excepto quando me envolvi com eles”, frisa Deise, referindo que, da primeira vez que se apaixonou, esteve dois anos sem trabalhar com sexo. Isso, até que o pai da sua filha mais velha resolveu emigrar. Sozinha, com uma filha para criar voltou a tratar dos “assuntos”. “Desta vez, quando parei não consegui arranjar emprego, por isso, passei a vender pastéis, bolas de Berlim, rissóis e outros petiscos. Eu e o pai da minha bebé não estamos bem esses dias, mas ainda não penso voltar para esta vida”, fala, num tom de voz triste. “Mas não digo que não vou voltar para esta vida. Hoje saio para vender e não sinto falta de nada, mas, se eu sentir falta, se surgir alguma necessidade, eu sei que eu vou voltar aos meus expedientes”.Violência, vergonha e discriminaçãoAo Expresso das Ilhas, Tânia conta que nunca sofreu nenhum tipo de agressão, porém diz que conhece alguém que foi agredida e não denunciou o caso. “Não sei dizer se é normal, pessoas como eu sofrem muita agressão, mas eu falo por mim. Nos meus “expedientes” nunca houve insultos, nem agressões. Os meus clientes não me agridem nem fisicamente, nem verbalmente porque a maioria das pessoas com quem trato são pessoas amigas”. A amizade, esclarece, foi surgindo ao longo do tempo, porque tratam-se de clientes “fixos e de longa data”. Já Deise teve outra sorte. Como exemplo, um caso em que, numa noite alguém tentou estuprá-la. “Nunca denunciei o ocorrido, afinal a minha família não sabia o que andava a fazer”, transmite com certa tristeza na fala. Esta jovem diz ainda que conhece casos de amigas, do mesmo ramo, que sofreram na pele agressões físicas, verbais e sexuais. Assim como Deise, nenhuma teve coragem de denunciar, ou pedir ajuda. “Tenho uma amiga que foi agredida várias vezes. Por ser usuária de estupefacentes, os homens abusavam muito dela, obrigavam-na a fazer coisas que ela não queria. E ela nunca denunciou, primeiro porque sentia vergonha e depois porque acreditava que não ia ser levada a sério por ser viciada”, conta em tom de indignação, lembrando que a colega levava bofetadas e puxões de cabelo por parte de homens que achavam ter esse direito porque estavam a pagar por aquele corpo. Estão organizadas?Questionadas sobre a existência de uma associação formada por profissionais do sexo, ambas declaram que o medo de serem discriminadas pela sociedade as impede de tomar uma iniciativa nesse sentido. “Aqui não dá para fazer esse tipo de coisa. Os nossos expedientes não são feitos “cara podre” (às claras), porque as pessoas falam muito, conversam e nós queremos sempre nos preservar”, sublinha Tânia.Deise, por seu turno, diz que mulheres que, assim como ela, trabalham no “expediente”, vivem “oprimidas pela sociedade”, que é “muito preconceituosa”. “Por isso escondemos essa profissão, há poucas que dão a cara e não escondem o que fazem, mas quase nunca isto acontece. Escondemo-nos porque as pessoas discriminam e muito. Há muito preconceito e discriminação e pode recair sobre os nossos filhos. O nosso medo é que sofram com isso”, lamenta. 1.775 profissionais do sexo contemplados com testes VIHA Associação Cabo-verdiana para a Protecção da Família (VerdeFam) apoiou 1.775 profissionais do sexo com testes de VIH e consultas médicas durante o ano de 2020. A informação foi revelada pelo assistente de programa e coordenador de programas de VIH, Evandro Sá Nogueira. “Temos um leque de serviços que garantimos aos profissionais do sexo, serviços de saúde sexual reprodutiva, dentro de um programa a eles destinado. Um programa que é financiado pelo Fundo Global e o programa FEVE, financiado pela cooperação luxemburguesa, através da ONG Enda Sante Senegal”, informa.Os serviços são relativos à saúde sexual e reprodutiva e englobam testes de despistagem a nível do HIV, de infeções sexualmente transmissíveis, disponibilização de medicamentos para combater infeções, disponibilização de análises e exames complementares, além do apoio psicológico, avança. “Em 2020 tínhamos como meta, no programa Fundo Global, atingir 1.775 profissionais de sexo com os testes de VIH e alcançamos a meta. Este número é referente à Praia, São Vicente, São Nicolau, Boa Vista e Sal. Além dos testes de HIV foram contempladas com consultas médicas”, conta. Trabalho na prevenção da VBG contra os profissionais do sexoO coordenador da área Violência Baseada no Género (VBG) do Instituto Cabo-verdiano para a Igualdade e Equidade de Género (ICIEG), Adalberto Varela, afirma que a instituição “não tem medidas específicas para profissionais do sexo”, mas elabora políticas públicas para a igualdade de direitos e de oportunidades, sem promover a discriminação e nem uma atenção especial para esse grupo. “Trabalhamos para que não haja nenhum tipo de violência contra ninguém. E sabemos que a nossa legislação não reconhece o grupo de profissionais do sexo. Então, como podemos trabalhar para proteger um grupo que mesmo a lei não permite? É muito mais difícil. Assim, a questão é trabalhar na prevenção, da mesma forma que fazemos a prevenção para todos os grupos”, aponta.O responsável da área VBG do ICIEG refere ainda que nunca nenhum profissional do sexo procurou a instituição relatando directamente casos de violência. “É preciso haver denúncias para que possamos trabalhar de uma outra forma e trabalhar a prevenção, tentar sensibilizar a sociedade para que a luta contra a violência seja uma luta transversal. Ou seja, a todas as classes, a todos os grupos sociais. Claro, esse é um grupo muito mais específico e, normalmente, a violência acontece. Neste caso, num lugar com menos margem para agirmos”, especifica.Texto originalmente publicado na edição impressa do Expresso das Ilhas nº 994 de 16 de Dezembro de 2020. Percebendo a situação de perigo, o homem conseguiu escapar, pulando do carro em movimento, mas foi deixado sem nenhum de seus pertences pessoais, que foram levados pelas mulheres.SÃO PEDRO DA ALDEIA - Um caso grave e alarmante ocorreu na noite da última quinta-feira (20), quando uma garota de programa do site Fatal Model, sequestrou um cliente em um motel na RJ-140, São Pedro da Aldeia. O incidente ocorreu no Motel Tati e acabou com a vítima despojada de seus pertences pessoais.De acordo com o depoimento da vítima na 126ª Delegacia de Polícia em Cabo Frio, ele havia chamado a acompanhante por meio do site Fatal Model e combinaram um encontro no motel em questão. O valor acordado para o programa seria de R\$ 200.No entanto, a situação tomou um rumo terrível quando a mulher, supostamente, chamou uma amiga para participar do encontro. Nesse ponto, as duas mulheres supostamente tentaram forçá-lo a entrar no carro delas com a intenção de levá-lo para o Bairro do Braga em Cabo Frio.Percebendo a situação de perigo, o homem conseguiu escapar, pulando do carro em movimento, mas foi deixado sem nenhum de seus pertences pessoais, que foram levados pelas mulheres.Este caso perturbador está agora sendo tratado como um crime de roubo e sequestro. As autoridades estão conduzindo investigações para rastrear as responsáveis e levá-las à justiça. A polícia está solicitando que qualquer pessoa com informações úteis sobre o incidente entre em contato com a 126ª Delegacia de Polícia. Confira as últimas notícias do Rlagos Notícias Acompanhe o Rlagos no Facebook , Instagram , Twitter e Threads